

A ESSÊNCIA DA VIDA¹

Aline Aparecida da Silva PEIXOTO²

Lívia Bonfim CATANHO³

Greicy Mara FRANÇA⁴

RESUMO

Falar de doação de órgãos não é tarefa das mais simples, visto que o tema agrega valores que diferem de uma pessoa para outra. E hoje, não é raro observar a espetacularização da saúde por parte de alguns profissionais da comunicação, o que dificulta consideravelmente a adesão de novos doadores. Preocupadas com isso produzimos um vídeo documentário sobre transplantes em Mato Grosso do Sul que oferece ao público uma gama de informações maior do que a vinculada nos jornais diários, tanto em relação à importância do gesto de doação, quanto ao mapeamento das condições estruturais dos hospitais regionais.

PALAVRAS-CHAVE: Transplantes; Doação de Órgãos; Morte Encefálica; Central Estadual de Transplantes;

1 INTRODUÇÃO

Doar órgãos é um dos maiores gestos de solidariedade. No Brasil, o primeiro transplante realizado foi o de córneas em 1954 (Crys Araújo, 2008). Hoje, já é perceptível a evolução cirúrgica para captação de órgãos e tecidos e o crescimento contínuo da taxa de transplantes em todo o território nacional. Parte desse aumento é consequência do fortalecimento do Sistema Nacional de Transplantes (SNT), em razão dos investimentos feitos pelo Poder Público Federal. (Ministério da Saúde, 2010).

O ano de 2011 foi encerrado com um crescimento contínuo na taxa de doação e transplantes no país, tendo atingido a taxa de 11 doadores por milhão de população (pmp), um crescimento de 16,4% em relação ao ano de 2010, que ficou na faixa de 9,9 doadores pmp. No entanto, a fila de espera ainda é grande.

¹Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em Vídeo.

²Líder do grupo e jornalista formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: alinelira@live.com

³Jornalista formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: liviabds@yahoo.com.br.

⁴Orientadora do Trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email:

greicymara@hotmail.com.

Segundo o Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, em coletiva de imprensa em fevereiro de **2012**, a meta do Brasil é atingir, até 2015, a faixa de 15 doadores pmp. Com base nesses dados, analisamos os principais aspectos que concerne à prática cirúrgica de transplantes de órgãos e tecidos, mitos e verdades, em torno do assunto.

2 OBJETIVO

2.1. Objetivos Gerais: Desmitificar a doação de órgãos.

2.2. Objetivos Específicos:

- Desenvolver a questão humanística sobre a “Doação de Órgãos e Tecidos”;
- Traçar um panorama sobre a doação de órgãos no estado de Mato Grosso do Sul;
- Mostrar a situação de pessoas que estão na fila à espera de um órgão;
- Mostrar como é a vida de pessoas que já receberam algum tipo de transplante;
- Mostrar familiares que autorizaram a doação de órgãos de algum ente falecido.

3 JUSTIFICATIVA

O nascimento é uma das maiores celebrações da vida. Outro momento que traz alegria às pessoas é quando alguém tem a chance de nascer de novo a partir de um gesto de amor e solidariedade de familiares que perderam algum ente querido e, por fim, acabam doando seus órgãos.

São inúmeras as campanhas que circulam nos meios de comunicação de massa relacionadas à doação de órgãos, tais como “A vida é feita de conversas. Basta uma para salvar vidas”. “Doe órgãos. Doe vida”. “Para ser um doador, converse com sua família”; e “Doação de órgãos. Faça parte desta corrente. Você pode salvar vidas”. Estas campanhas, que visam incentivar a população a se tornar potenciais doadores de órgãos, seja em vida ou após o óbito, com o consentimento da família, foram nossos principais impulsos para que decidíssemos trabalhar com este tema polêmico e ao mesmo tempo imprescindível para a construção de uma sociedade mais humana.

Nós, enquanto jornalistas, ficamos interessadas em conhecer a atual situação de Mato Grosso do Sul, a fim de realizar um trabalho que possa contribuir com a fomentação dos transplantes dentro do Estado. O desafio aqui é unir em um só projeto dois lados de um mesmo assunto: a importância do gesto da doação de órgãos e os desafios e problemas enfrentados por pacientes e médicos sul-mato-grossenses.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Inúmeros fatores podem influenciar na doação de órgãos, seja pela pessoa em vida que aborda o tema com a família, ou até mesmo na decisão da família após o falecimento de algum ente.

Há uma clara discrepância entre o número de doadores e a demanda de órgãos. Milhares de pessoas, em todo mundo, estão hoje em listas de transplantes e este número vem aumentando. A opinião pública favorável à doação de órgãos é essencial para solucionar esse problema. A recusa dos familiares é hoje o fator limitante principal dos programas de transplantes de órgãos em vários países do mundo. (TRAIBER e LOPES, 2006).

Esta afirmação é consistente, partindo do princípio de que o maior entrave que as organizações que tratam sobre os transplantes enfrentam no momento é quando a família não permite a doação dos órgãos, seja por ignorância no assunto, ou por simplesmente não saber qual era o desejo do ente falecido.

A partir de 2001, houve mudanças na legislação brasileira em relação à doação de órgãos, com a revogação dos §§ 1º a 5º do artigo 4º da Lei 9.434 de 4 de fevereiro de 1997 e que regulamentava a doação de órgãos no Brasil e definia como doador a pessoa que viesse a declarar-se como tal em sua Carteira de Identidade Civil ou na Carteira Nacional de Habilitação (doador presumido). No entanto, a Lei n. 10.211 de 2001, Artigo 4º, determina que a doação só pode ser realizada com a autorização da família do potencial doador.

A partir dessa alteração na lei os profissionais da área de saúde passaram a ser peças essenciais no esclarecimento das pessoas quanto à prática da doação de órgãos, pois em um momento tão difícil como a morte, os médicos e enfermeiros são os que ficam mais próximos aos familiares do paciente.

Em pesquisa preliminar, detectamos que os fatores mais frequentes, que limitam a doação de órgãos no Brasil são: a falta de identificação e notificação de um potencial doador; a demora na constatação de morte encefálica; inadequada entrevista com os familiares do potencial doador, devido à falta de profissionais capacitados a realizá-la e dificuldades na retirada e distribuição dos órgãos doados.

Mais que desejar partes do corpo do outro como objetos ou fragmentos de vida a serem possuídos ou dominados, também os sujeitos ligados aos transplantes – pacientes, familiares e profissionais – necessitam construir relações nas quais doar e receber possa promover a “troca” de algo com o poder de consolar a angústia inerente à existência humana. (FONSECA e CARVALHO, 2005).

O transplante envolve, em primeiro lugar, a questão da compatibilidade, mas também outros pontos delicados, como a aceitação dos riscos envolvidos em uma cirurgia de grande porte e o uso de inúmeros medicamentos que diminuem a atividade do sistema imunológico (imunossupressores), com o objetivo de diminuir a rejeição aos órgãos transplantados. No entanto, temos que considerar que para pacientes que tenham perdido a funcionalidade de algum órgão vital, os riscos de um transplante tornam-se mínimos, visto que somente esse tipo de cirurgia poderá restabelecer as funções do organismo.

Os tecidos ou órgãos doados podem ser originados de pacientes vivos ou daqueles que vieram a óbito recentemente. Os mais comumente doados por pacientes em vida são a medula óssea e o rim, tendo como predileção membros da família do receptor. As questões envolvidas com doadores em vida são a autonomia, a liberdade e o consentimento deste, além da avaliação do risco/ benefício associada pelo corpo médico ao caso, de forma a não oferecer nenhum risco ao doador, visto que a prioridade é preservar a vida e a saúde dele.

Órgãos como o coração, fígado, pulmões e córneas somente podem vir de alguém que morreu em decorrência de algum acidente. O maior problema enfrentado neste tipo de transplante é o estabelecimento de critérios para determinar a morte do indivíduo doador. A princípio era considerado o critério cardiorrespiratório, ou seja, a parada súbita e inesperada dos batimentos cardíacos eficazes. Mas, a partir de 1997, passou a ser considerada a morte encefálica, como determina o Conselho Federal de Medicina através da resolução CFM 1480/97.

A morte encefálica representa o estado clínico irreversível em que as funções cerebrais e do tronco encefálico estão irremediavelmente

comprometidas. Morte encefálica significa morte tanto legal quanto cientificamente. É necessário que todo profissional da saúde, especialmente o médico, esteja familiarizado com o conceito de morte encefálica, para que a aplicação da tecnologia na sustentação da vida seja benéfica individual e socialmente comprometida, e não apenas promotora de intervenção inadequada, extensão do sofrimento e angústia familiar e prolongamento inútil e artificial da vida. (MORATO, 2009).

A partir do momento em que é constatado que o paciente teve ME, o médico deve informar à família imediatamente do óbito, para que a Organização de Procura de Órgãos (OPO) possa iniciar o processo de entrevistas com os familiares para uma potencial doação de seus órgãos e tecidos.

Após o consentimento dos familiares, a OPO notifica a Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos e Tecidos (CNCDO) para que o processo de retirada dos órgãos aptos à doação seja iniciado.

Em relação às questões técnicas o tipo de audiovisual escolhido foi o documentário ao invés do vídeo-reportagem, sendo nosso projeto experimental um documentário expositivo.

A obra “Introdução ao documentário”, de Bill Nichols, foi um dos principais livros que nortearam nossa produção e reforçaram a decisão conjunta quanto à estética que iríamos aplicar nas captações de imagens. Segundo Nichols (2005), o modo expositivo dirige-se ao espectador, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. Os filmes desse modo, adotam o comentário com voz de Deus (o orador é ouvido, mas jamais visto). Exatamente o que procurávamos realizar, pois não desejamos a subjetividade por meio de um documentário poético, nem tão pouco um filme do real, cujo teor fosse apenas observativo. Tínhamos um propósito, colocar em nosso filme a mensagem de incentivo à doação de órgãos. E nesse sentido, o gênero expositivo era o que mais atendia às nossas necessidades cinematográficas.

Entretanto, há que se reforçar que mesmo havendo argumentos a favor da doação de órgãos, não deixamos de aplicar aquilo que nos foi ensinado durante os quatro anos de estudo em jornalismo, que é a preocupação com a verdade. Por conta disso, não negligenciamos as falhas do sistema de saúde em nosso Estado, nem tão pouco deixamos de apresentar os desafios enfrentados pelos médicos especialistas na área de transplantes.

Com o estilo de documentário definido partimos para o gênero de entrevistas que melhor se encaixaria nas filmagens. Dentre os vários autores consultados, Cremilda Medina e Edgar Morin nos nortearam. Seguimos o que Cremilda tanto enfatiza na obra, "Entrevista: o diálogo possível". Optamos pela prática da entrevista aberta, em que nos desprendêsemos da “camisa-de-força” existente em uma entrevista com um questionário fechado pois em uma entrevista mais livre, o entrevistado pode ser fiel ao que realmente pensa.

Como a própria Medina elucida em “O diálogo possível” partimos para aquilo que Edgar Morin denomina de entrevista-diálogo e neoconfissões. A prática desses tipos de entrevistas foi fruto dos mais de seis meses de pesquisa sobre transplantes. Em nossas falas embasadas nas pesquisas, passamos credibilidade aos nossos entrevistados. Esses, por sua vez, se sentiram seguros para dizerem o que sabiam e pensavam sobre a doação de órgãos em Mato Grosso do Sul. Muitos diálogos foram obtidos nos encontros com profissionais da área da saúde, enquanto que a prática das entrevistas no estilo neoconfissões, foram mais corriqueiras com os pacientes que estão na fila à espera de um transplante.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Nosso documentário foi desenvolvido no ano de 2011, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob orientação da professora doutora Greicy Mara França, dentro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Centro de Ciências Humanas e Sociais no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Iniciamos a busca por fontes que fossem essenciais ao documentário a partir do mês de maio de 2011. As entrevistas começaram a ser efetivadas no mês de julho e ocorreram até meados de outubro.

A ida ao ambiente hospitalar, em especial na sala de terapia renal (Hospital El Kadri de Campo Grande/ Sírio Libanês) nos foi de grande utilidade tanto para as filmagens quanto para estudo de campo – conhecer a realidade das seções de diálise.

5.1 PACIENTES

A primeira entrevista que realizamos com um paciente foi com Nereide Caputi de Lima Cícero de Sá, 60 anos, paciente crônica renal. Em sua casa, ela nos contou sobre o

que é ser um renal crônico, o apoio que recebe da família e a sua rotina e “afeição” que criou com a máquina de hemodiálise.

O próximo encontro com pacientes foi com três pessoas que estão aguardando transplante de coração, durante a reunião mensal destes com a psicóloga Miriam Catia Bonini Codorniz. A profissional trabalha nesses encontros voluntariamente, toda última terça-feira de cada mês em uma sala na CETMS. O objetivo desta reunião é promover um bate papo com eles no intuito de trabalhar a auto-estima, uma vez que essa fica debilitada em decorrência do complexo processo que é estar numa fila de transplantes.

Cada um dos três depoimentos foi precioso para nosso trabalho, uma vez que se tratava de três modos de vidas que se diferem e se assemelham, em razão da luta e dor que é estar em uma fila de espera, em que cada minuto pode ser decisivo.

5.2 CENTRAL ESTADUAL DE TRANSPLANTES DE MATO GROSSO DO SUL (CETMS) e HOSPITAL REGIONAL DE MATO GROSSO DO SUL (HRMS)

Partimos para a entrevista oficial com a coordenadora da CET/MS, Claire Miozzo, em meados do mês de agosto. A entrevista consistiu nos seguintes pontos: função da Central Estadual de Transplantes; Central Nacional de Transplantes; Significado de estar na fila de transplante e como esta funciona e Importância da doação de órgãos.

Essa foi uma das entrevistas de maior duração devido às inúmeras funções desempenhadas pela Central. Os nossos meses de pesquisa sobre o tema facilitou o desenrolar das gravações e enriqueceu as perguntas.

A próxima entrevista foi com a médica intensivista Patrícia Almeida, coordenadora atual da OPO (Organização de Procura de Órgãos), que fica nas dependências do HRMS. O principal assunto abordado no encontro foi a implantação da OPO em Mato Grosso do Sul.

5.3 O TRANSPLANTE EM TEMPO REAL

Em 14 de setembro, através do site de notícias G1/MS, ficamos sabendo de uma cirurgia que ocorreria na semana seguinte e que muito nos interessou. A história era de um casal de Dourados/ MS, divorciado há 17 anos, onde o ex-marido, Nestor, em um ato de bondade e a pedido da filha do casal, passaria por uma cirurgia para doar o rim à sua ex-

esposa, Maria Fátima. Conseguimos o contato de Fátima, que nos atendeu via telefone com muita alegria ao saber da finalidade de nosso projeto. Segundo ela essencial trabalhos nessa área para que as pessoas entendam o quanto é importante a doação de órgãos para que transplantes aconteçam e que pessoas assim como ela, tenham outra chance na vida.

A internação do casal aconteceu na Santa Casa de Campo Grande, às 19h do domingo, 18 de agosto. A cirurgia foi realizada no dia 20 da mesma semana. Já a entrevista aconteceu no domingo (18) horas antes da internação.

5.4 FINALIZAÇÃO DAS FILMAGENS

No mês de outubro, ainda tivemos mais três filmagens. Fomos entrevistar a médica nefrologista Thaís Vendas, que faz parte da equipe de transplantes renais da Santa Casa. Em seguida foi a vez de falarmos com José Acildo Mariano da Silva, um senhor de 53 anos, que há 27 vive com um novo rim. O transplante dele foi realizado em Londrina, Paraná. Nesse mesmo dia, realizamos a entrevista com Luiz Gamarra, que em janeiro de 2002, perdeu seu filho em um acidente de moto. O jovem, com apenas 18 anos, teve sua vida interrompida, mas a partir do gesto de solidariedade de seus familiares, deu continuidade a uma outra vida.

5.5 EDIÇÃO DO VÍDEO

Em outubro iniciamos nossa edição de vídeo com Claudia Rojas concomitantemente com a jornalista Mariana Lara na parte do videografismo. Optamos utilizar gráficos como ilustração, pois há muitos dados a serem informados que são essenciais ao vídeo. Por ser um tema sisudo, vimos que a utilização do videografismo seria uma alternativa para deixar o vídeo mais dinâmico.

Foram cerca de oito encontros para a edição e a construção dos gráficos e telas. O apoio e o trabalho intenso da editora Cláudia, da videografista Mariana e do cinegrafista Anderson Pinotti, foram essenciais para que o nosso documentário tivesse a essência que primamos desde quando começamos a desenvolvê-lo. Cada cena idealizada na hora das filmagens foi trabalhada exaustivamente na montagem do roteiro e na edição final.

6 CONSIDERAÇÕES

Acreditamos que nossa meta foi alcançada, falar sobre a importância do gesto da doação e contribuir com a desmitificação do transplante à população, sem contudo, virar as costas para as imperfeições existentes em nosso sistema regional de saúde.

Se acaso tiver algum pormenor que deixamos de retratar no documentário não foi por falta de vontade ou ação. Pelo contrário, corremos até o último momento para obter as melhores imagens e situações que retratassem o que é o transplante em Mato Grosso do Sul. Se aos olhos críticos houver carência de alguma imagem, em especial no ambiente hospitalar, foi consequência das barreiras impostas pela burocracia ou mesmo por alguns profissionais da área da saúde. Mas também houve aqueles que nos ajudaram muito, tanto que sem a participação destes seria impossível termos coletado informações tão valiosas e imagens essenciais para a finalização de nosso trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS. Informações gerais sobre Transplantes e Doação de Órgãos no Brasil. Disponível em: <http://www.abto.org.br/abtov02/portugues/populacao/home/home.aspx> Acesso em: abril e maio de 2011.

FONSECA, Márcia Aparecida de Abreu; CARVALHO, Alysson Massote. Fragmentos da Vida: Representações Sociais de Doação de Órgãos para Transplantes. **Interações**, São Paulo, Universidade São Marcos, v.10, n.20, jul/dez 2005. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/354/35402007.pdf> Acesso em: 28 de abril de 2011.

GABRIEL Grupo de Atuação Brasileiro para Realização de Transplantes Infantis e Estudos do Tubo Neural - Doação de Órgãos. Disponível em: <http://www.gabriel.org.br/doacaodeorgaos.html> Acesso em: março, abril e maio de 2011.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1995.

GOLDIM, José Roberto. Aspectos Éticos dos Transplantes de Órgãos. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/transprt.htm> Acesso em: 30 de maio de 2011.

MEDINA, Cremilda. Entrevista, o Diálogo Possível. São Paulo: Ática, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento — Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Legislação sobre o Sistema Nacional de Transplantes. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/transplantes/legislacao.htm#> Acesso em: abril e maio de 2011.

MORATO, Eric Grossi. Morte Encefálica: Conceitos Essenciais, Diagnóstico e Atualização. **Revista Medicina**, Minas Gerais, 2009. Disponível em <http://www.medicina.ufmg.br/rmmg/index.php/rmmg/article/viewFile/164/147> Acesso em: 20 de maio de 2011.

NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, São Paulo: Papirus, 2005 – (Coleção Campo Imagético).

TRAIBER, Cristiane; LOPES, Maria Helena. Educação para Doação de Órgãos. **Scientia Medica**, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v.16, n.4, out/dez 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/viewFile/2286/1785> Acesso em: 20 de abril de 2011.

XAVIER, Caco. Mídia e Saúde, Saúde e Mídia. **Caderno mídia e saúde pública**. Adriana Santos (org). – Belo Horizonte: Escola de Saúde Publica/FUNED, 2006. Disponível em: http://www.esp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2009/06/caderno_midia_e_saude_publica.pdf Acesso em: 10 de maio de 2011.

ARAÚJO, Crys. Primeiro transplante realizado no Brasil foi de córneas, em 1954. **Especial para o UOL Ciência e Saúde**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciaesaude/ultnot/2008/10/24/primeiro-transplante-realizado-no-brasil-foi-de-corneas-em-1954.jhtm> Acesso em: 23 de maio de 2011.